

Agosto 1955

51



o Homem



Mundo

SÔBRE ALGUNS EDITÔRES...

De EVARISTO DE MORAES FILHO

A PESAR do esnobismo de alguns literatos, que pretendem se reservar para a posteridade, cõscios de suas genialidades, não há dúvida que todos escrevem para o público. Poucos ou raros rabiscam papel para permanecer inéditos, sem a letra de fôrma. Mas, entre os dois extremos dessa corrente — autor e leitor — coloca-se um novo personagem, no exercício de uma profissão econômica também nova, que se chama editor.

Por se tratar de uma atividade comercial, é a vida dêstes últimos regulada pelo código comercial, sujeitos que são a todos os bõnus e ônus da legislação fiscal. Muito lucro ou muito prejuízo, fazem ambos parte dos riscos de seu comércio, e por isso são cautelosos e timoratos em seus empreendimentos editoriais. Para os mais incautos ou infelizes, lá está esperando por êles a lei de falências... E com êste argumento afugentam os novos editados ou os que não lhes garantem um êxito certo para o consumo de suas mercadorias, que, se são espirituais por um lado, não o deixam de ser também materiais por outro, com conseqüências imediatas para a caixa registradora.

Constitui um lugar-comum dizer-se da importância do editor na elaboração e no surgimento de um movimento literário. Sem êsse instrumento de publicidade seria impossível a manutenção de um esforço coletivo dos escritores. Por isso mesmo, pôde escrever Ernesto Renan de seu editor e amigo Calmann Levy, que era êle "um autor de autores". E ia além, lamentando não ter podido ainda escrever a sua biografia, para mostrar a alma de Apolo dêsse Mercúrio. Nesse livro, que não chegou a ser escrito, aproximaria a sua vida à de Jesus, justificando essa afirmação sacrílega pelo argumento de que as "obras" de ambos tornaram a espécie humana mais pura, melhorando o espírito dos homens.

De lado o exagêro de Renan, não há como negar-se a importância do editor para a formação do bom-gôsto do público, para a sua educação, fornecendo-lhe boa mercadoria, orientando a sua cultura. Tôda uma geração literária depende, às vèzes, de um bom editor; muito escritor vê a sua glória restaurada do esquecimento pelo esforço de alguém que lhe proporciona nova roupagem com que se apresenta aos homens de outra geração, sem tempo ou sem memória.

Para não irmos muito longe, basta citar, entré nós, os exemplos do que significou, em certa época, o movimento iniciado por Monteiro Lobato, do qual saiu a Editõra Nacional, entre cujos empreendimentos de vulto podê ser lembrado o da **Brasiliana**. Constituíram-se em outros grandes núcleos editoriais, em tôrno do qual se condensaram várias tendências e escolas, em locais diversos do País: José Olímpio, Livraria do Globo e José Martins.

Mas, neste momento, pretendemos recordar especialmente a dois editõres particulares e a um editor governamental. Se há uma grande diferença de natureza jurídica entre os primeiros e o segundo, numa coisa todos se igualam: na ausência de escopo de lucro, porque dão mais do que recebem, como quem realiza uma tarefa inadiável, tendo em vista o bem comum. Queremos nos referir a Carlos Ribeiro, Simões dos Reis e Simeão Leal. Entre êste último e os dois primeiros coloca-se a lei de falências, por isso que o Carlos e o Simões, como emprêsas privadas que são, correm sõzinhos o risco de sua atividade econômica. Mas, nem por isso, se desmerece o esforço do prezado Simeão, já que a todos envolve uma constante de bem servir, de ser útil, de auxiliar as boas letras nacionais, incentivando a cultura, proporcionando veiculo para a publicação imediata de todo esforço sério e árduo.

Com o aparecimento dêstes três cavalheiros andantes, como que se alterou o conceito que os escritores brasileiros tinham do editor, sempre distante e voltado para um único livro, o de contabilidade.